

Memória digitalizada: revivendo a prática de *storytelling* da vida por meio do *Instagram*¹

Roberta de Oliveira MONTEIRO²

Ana Catarina HOLTZ³

Paola MAZZILLI⁴

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

Resumo

Neste artigo, nos propomos a analisar uma notícia de grande repercussão sobre um jovem brasileiro que perdeu sua memória e usou as postagens que havia feito anteriormente no *Instagram* como recurso para “acessar” suas lembranças. Para a construção de nossa análise, nos valem de estudos referentes à cibercultura, refletindo sobre o uso da *Web 2.0* e das redes sociais, além de temas como administração de lembranças e a maneira como a captura de registros da vida se dá na contemporaneidade. Como referencial teórico, destacamos autores como Guy Debord, Zygmunt Bauman, André Lemos, Paula Sibília e Juremir Machado Silva.

Palavras-chave: cibercultura; identidade; memória; imagem; *Instagram*.

A memória e o esquecimento humano são assuntos que ao longo da história despertam a curiosidade do homem. No âmbito das pesquisas e discursos científicos, pode-se dizer que essa temática consiste em uma grande e transdisciplinar área de concentração, que vem mobilizando significativos investimentos financeiros, uma vez que se debruça sobre aquilo que parece ser fundamental para qualquer ser humano: a capacidade de produzir, registrar e compartilhar conhecimento. Ou porque não, a própria capacidade de produzir, registrar e compartilhar a própria existência.

Neste artigo, iremos tratar dessa temática a partir do viés dos estudos de comunicação. Partindo do entendimento de que, nas últimas décadas, configurou-se uma verdadeira revolução nas tecnologias comunicacionais, buscaremos levantar algumas hipóteses sobre como tais transformações possibilitaram novas formas de construção de identidade e registro da vida.

¹Trabalho apresentado no IJ 5 – Rádio, TV e Internet do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 6 de setembro de 2015.

²Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Comunicação Social da ESPM-SP, email: roberta.monteiro94@gmail.com.

³ Recém graduada no Curso de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda da ESPM-SP, Mestranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, email: anaholtz89@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Doutoranda em Psicologia Clínica e em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professora do Curso de Comunicação Social da ESPM, email: paola@espm.br.

Com a informatização do cotidiano e o aumento da familiaridade entre os sujeitos e seus *gadgets*, como aparelhos celulares, *tablets* e computadores, emergiram diferentes maneiras de interação interpessoais. Sustentadas pela praticidade e acessibilidade, tais recursos têm permitido, cada vez mais, que os sujeitos registrem e compartilhem suas vidas através de relatos feitos em primeira pessoa e tempo real na *internet*. Com isso, não apenas o poder de alcance dessas histórias pessoais, mas também sua relevância enquanto expressão midiática contemporânea, ganharam outro relevo.

Neste contexto, discute-se sobre a possibilidade de os indivíduos terem a sensação de poder no que diz respeito à administração de suas próprias lembranças. Seja para alterá-las, armazená-las ou então deletá-las “permanentemente”, o fato é que não se pode pensar na temática mencionada no início desse artigo desvinculada desse cenário. Assim, a pergunta que nos parece pertinente para iniciar nossas indagações é o que seria a memória, então, em uma época em que a vida pode ser registrada de forma tão intensa? Avançando ainda mais, o que seria o próprio esquecimento, visto que mais do que assegurar registros do passado e presente, estes recursos nos possibilitam, aparentemente, editar nossas lembranças?

Para nos debruçarmos nessas questões, que mais representam um ponto de partida interessante para nossa reflexão do que, efetivamente, perguntas que podem ser respondidas de forma inequívoca, direcionaremos nossa análise para o uso de uma rede social em especial, o *Instagram*. Na sequência, iremos problematizar a notícia divulgada na mídia nacional e internacional sobre um jovem brasileiro que perdeu a memória em um acidente e utilizou em seu tratamento esta rede social para “se lembrar de quem era”.

(1) O desvelamento do eu no cenário midiático contemporâneo

Nesta etapa, discutiremos como a cibercultura fez com que os relacionamentos interpessoais ganhassem novas feições. Para tanto, iniciaremos nossas discussões introduzindo o conceito de *Web 2.0*, expressão cunhada para se referir ao momento da *internet* em que seus usuários passaram a interferir no conteúdo disponível no ciberespaço. Sibilia explica que:

A intenção era batizar uma nova etapa de desenvolvimento da internet, após a decepção gerada pelo fracasso das companhias pontocom: enquanto a primeira geração de empresas *on-line* procurava “vender coisas”, a *Web 2.0* “confia nos usuários como co-desenvolvedores”. Agora

a meta é “ajudar as pessoas a criarem e compartilharem ideias e informação”. (2008, p.14)

Dentro desta lógica de funcionamento surgem os *sites* de redes sociais que, segundo Boyd e Ellison (2012), são aqueles que permitem “(1) a construção de um perfil público ou semi-público em uma determinada ferramenta; (2) a articulação de uma lista de conexões e (3) a possibilidade de ver e navegar nessas conexões disponibilizadas na mesma ferramenta”. Nestas redes, atores sociais interagem entre si através de uma apropriação, que se dá, segundo Lemos (2002), principalmente em seu caráter simbólico. Assim, relações sociais são estabelecidas a partir de valores como “reputação” e “popularidade”, que embasam diferentes práticas de relações que se desenrolam no cenário digital.

Um exemplo de rede social é o já citado *Instagram*, uma plataforma *online* de compartilhamento de fotos e vídeos onde toda postagem pode ser redirecionada para outras redes em que o usuário é cadastrado, como *Facebook*, *Twitter*, *Tumblr* e *Flickr*. Além disso, é possível adicionar filtros e ajustar a qualidade das imagens, além de “seguir” outras pessoas e, assim, acompanhar o conteúdo publicado nos perfis delas. Há também o aplicativo *Snapchat*, em que os usuários podem enviar para sua lista de amigos uma imagem ou vídeo que, após abertos, serão exibidos por até dez segundos, sendo que depois deste prazo, o conteúdo da mensagem desaparece “para sempre” tanto para um, quanto para outro.

Estas redes, que funcionam a partir de interações humanas, possuem como características centrais a dinamicidade e a emergência, de modo que seus sistemas são reorganizados a todo instante a partir de informações que sinalizam um movimento constante de construção identitária. Dessa forma, é de responsabilidade do dono do perfil a postagem de conteúdos como fotos, vídeos e textos, que ficam disponíveis para sua rede de amigos *online*.

O modo de funcionamento destes sites têm, segundo Santaella (2010, p.284), “trazido munhões para a questão da subjetividade, devido aos novos formatos de relações intersubjetivas que nelas se consubstanciam”. Parece haver um movimento de exteriorização do eu, que agora abandona uma posição de introspecção para valorizar, cada vez mais, a exposição e visibilidade. Dessa forma, os sujeitos contemporâneos desempenham um esforço contínuo na atualização de seus perfis na *internet*.

No contexto da cibercultura, Sibilia (2008), afirma que os usuários da *web* são convocados a “se mostrarem”. Assim, há uma crescente publicização do privado e, por vezes, as redes sociais se assemelham a verdadeiros confessionários. Agora, é como se todo

e qualquer tipo de informação fosse “maleável” e “decifrável”, de modo que nada permanece eternamente oculto.

Se dentro destes espaços não há segredo, parece que, *a priori*, o que está exposto nas redes são recortes fiéis da realidade. Ou, ao menos, é esta a impressão que muitos usuários desejam transmitir. Com isso, os acontecimentos passam a ser relatados como “autênticos e verdadeiros porque supõe-se que são experiências íntimas de um indivíduo real” (SIBILIA, 2008, p. 37).

Sibilia afirma haver, no ciberespaço, “um tipo de *eu* mais epidérmico e flexível, que se exhibe na superfície da pele e das telas” (2008, p.22). Nesse contexto, ocorre “um deslocamento dos alicerces em torno dos quais cada sujeito edifica o que é, uma espécie de deslizamento de ‘dentro’ de si mesmo, para ‘fora’, ou melhor: para tudo aquilo que os outros podem enxergar” (SIBILIA e DIOGO, 2011, p.133).

No livro “Show do Eu”, Sibilia (2008, p. 23) declara que há, na atualidade, uma proliferação de “personalidades alterdirigidas e não mais intodirigidas”. Ou seja, personalidades exteriorizadas e orientadas para o olhar alheio, que se baseiam nas relações de exposição. Evidentemente, tais relações se potencializaram na medida em que a tecnologia comunicacional se desenvolveu, possibilitando novas formas de espetacularização da vida, menos introspectivas ou intimistas.

As subjetividades alterdirigidas, portanto, caminham em paralelo às ferramentas digitais que nos posicionam em um cenário de narrativas sucessivas sobre nossas próprias vidas. Nessas narrativas, são inúmeras as possibilidades de identidades que cada um pode assumir e mesmo descartar. Afinal, como já sinalizava Bauman no seminário internacional *Fronteiras do Pensamento*, publicado em 2012, “os indivíduos passam a vida, de fato, redefinindo a própria identidade”⁵.

Pelo fato de a comunicação no ciberespaço ser multidirecional, não linear e reversiva, nas comunidades digitais a relação entre o sujeito e o que lhe é externo se torna multifacetada e até ambígua. Assim, há uma aparente volatilidade subjetiva graças à própria dinâmica de funcionamento deste meio, que permite o desenvolvimento de identidades múltiplas ao longo do tempo.

No que diz respeito aos modelos de interação viabilizados pela *web*, Sibilia (2008, p. 31) explica que “o *eu* que fala e se mostra incansavelmente [na *web*] costuma ser uma

⁵ Entrevista com o sociólogo Zygmunt Bauman para o *Fronteiras do Pensamento*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>> Acesso em: 19/06/12.

tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem, de modo que o sujeito que posta conteúdo acaba por descrevê-lo e também ser seu protagonista. Dentro dessa dinâmica, compartilhar conteúdos passa a ser uma espécie de reafirmação dos acontecimentos vividos e da própria identidade.

Nas redes sociais, a autora explicita que “há uma preocupação constante com a “atualização permanente – e sempre recente – das informações, por meio de fragmentos de conteúdo adicionados a todo momento” (2008, p. 116). Nesse contexto, os relatos deste “eu” que é uma tríplice se dão em plataformas que estimam a renovação e possuem uma mecânica que tende a valorizar a instantaneidade, brevidade e praticidade.

Este movimento de produção e circulação de dados pessoais para a “digitalização da vida”, que supostamente é ininterrupto, acarretou em uma superproliferação de imagens que, segundo Sibilía (2008), são coleções de “tempos presentes” ordenados cronologicamente e que juntos, parecem representar a vida dos sujeitos, sejam as identidades ali expostas complementares ou até contraditórias.

(2) Viver para poder postar, postar para poder viver

A postagem de conteúdos pessoais para compartilhamento de acontecimentos que se deram fora da *internet* parece caracterizar um movimento de busca de uma legitimação de quem se é e do que se faz. Ao analisar o momento vivido no século XX, Guy Debord, que introduziu o conceito de Sociedade do Espetáculo, escreveu em sua tese 4 que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediada por imagens” (1967, p. 14). De fato, tudo indica que neste novo tempo o “espontâneo” e o “autêntico” deram lugar para outras manifestações, muito mais performáticas, mediadas e midiaticizadas. Trata-se, efetivamente, de uma era em que a questão da aparência mostra-se primordial.

Por conseguinte, devido à difusão das tecnologias eletrônicas, foram lançados e aprimorados inúmeros aparelhos capazes de registrar momentos através de imagens: câmeras analógicas, digitais, instantâneas, celulares, *tablets*, *drones* e outros dispositivos tornaram mais simples e acessível esta prática de documentação de acontecimentos que em outros períodos se restringia à burguesia e à alta nobreza. A facilidade de acesso a estes instrumentos para captura de momentos mudou também a maneira como as fotografias são assimiladas. Sibilía afirma que:

Ao longo de quase cento e cinquenta anos, as imagens que capturavam a vida familiar foram tratadas como um patrimônio íntimo cujo valor era inestimável, que se destinava exclusivamente a satisfazer os anseios de conservação de um pequeno grupo de pessoas unidas por laços de parentesco. (2011, p.131)

O exponencial aumento na quantidade de registros retratando acontecimentos da vida cotidiana dos sujeitos fez com que estas imagens deixassem de ser tiradas para serem reveladas e guardadas em caixas e baús, época em que se restringiriam ao âmbito do lar. Agora, estes recortes da vida íntima são expostos na *internet* e lá permanecem, disponíveis para quem desejar acessá-los. Ainda sobre esta vida mediada por imagens e o posterior surgimento de computadores interconectados por redes digitais de abrangência global, Sibilia relata que:

A tecnologia digital converte em dados informáticos as imagens captadas pela câmera e, com essa transformação, concede-lhes uma maleabilidade inédita. Além disso, os canais interativos da chamada *Web 2.0* inauguraram formas antes impensadas de se relacionar com as imagens. Ao mesmo tempo, alguns modos mais antiquados de interação estão desaparecendo, enquanto outros hábitos parecem ser reformulados ou mudam radicalmente. (2011, p. 128)

Essa maleabilidade a que se refere a autora é bastante evidente na forma como os usuários das redes sociais contam suas histórias, optando por compartilhar com seus amigos virtuais apenas alguns fragmentos das experiências vividas, seja por meio de fotos ou relatos textuais. Esses trechos podem ser encadeados, transformando-se em uma narrativa contínua da vida, que ganha episódios na medida em que estes sujeitos vivem novas experiências que consideram convenientes para publicação. Sibilia explica que:

Assim como seu protagonista, essa vida possui um caráter eminentemente narrativo. Pois a experiência vital de cada sujeito é um relato que só pode ser pensado e estruturado como tal se for dissecado na linguagem. Mas, assim como ocorre com seu personagem principal, esse relato não representa simplesmente a história que se tem vivido: ele a *apresenta*. E, de alguma maneira, também a *realiza*, concede-lhe consistência e sentido, delinea seus contornos e a constitui. (2008, p. 32)

O que é vivido “fora da *web*” constitui matéria prima para o que nela será postado, além de consistir no primeiro passo para os relacionamentos e interações que ali se ganharão forma. Esta prática narrativa presente nos sites de redes sociais resulta no que poderíamos chamar de “arquivos digitais das nossas vidas”, de modo que estes relatos legitimam a existência dos usuários dentro e fora de uma rede social, sendo que sua atualização é uma prova pública de que se está vivendo.

É como se um momento vivido só fosse “*efetivamente vivido*” quando experimentado e apresentado, discursivamente, no contexto da *web*. Ou seja, é preciso, como nunca, contar o que se vive. Nas redes sociais, impera uma busca por visibilidade, pois parece que só assim tem-se a confirmação da própria existência. Dentre os efeitos desta atual lógica de visibilidade tem-se, como apontou Debord no século XX, uma vida que passa a ser orientada pelas imagens. Juremir Machado Silva revisita a tese 4 de Debord para apontar que:

Estamos na época do “sorria, você está sendo filmado”. Apogeu do Big Brother como divertimento de massa. A câmara total, contudo, não inibe nem coíbe. Apenas registra. Positividade absoluta. Positivismo total. Enfim, a neutralidade. Salvo se for a indiferença como princípio geral da isonomia. Quando tudo é tela, a imagem torna-se a única realidade visível. (2007, p. 32 e 33)

Tendo em vista que a vida dos usuários da *web* parece ter se tornado orientada pela produção de imagens e pelos diferentes retornos que sua divulgação traz, a vida dos indivíduos têm se adaptado às especificidades das câmeras e suas experiências, por sua vez, têm sido vividas em função de seu potencial de se tornarem relatos na *web*. Ou seja, enquanto vivenciar um momento torna-se meio, a finalidade do que se faz passa a ser o recorte, o registro, a edição e o compartilhamento do que foi vivido. Sibilia explica:

A espetacularização da intimidade cotidiana tornou-se habitual, com todo um arsenal de técnicas de estilização das experiências de vida e da própria personalidade para “ficar bem na foto”. As receitas mais efetivas emulam os moldes narrativos e estéticos de tradição cinematográfica, televisiva e publicitária, cujos códigos são apropriados e realimentados pelos novos gêneros que proliferam na internet. (2008, p. 50)

Ao discorrer a respeito das práticas confessionais da *internet*, Sibilia (2008, p.14) fala que no que tange às técnicas capazes de editar lembranças, “a memória humana costuma ser pensada sobre a lógica da informação”. Por fim, as imagens que são postadas na *web* e acabam nela armazenadas constituem práticas de documentação da vida e produção de memórias digitais com uma notável diferença em relação à memória humana: enquanto o cérebro deixa uma memória suspensa, correndo o risco da memória se desvanecer com o passar do tempo, a tecnologia permite o arquivamento permanente destas lembranças.

(3) Instagram: diga-me quem sou

Como visto, o desejo humano de registrar sua existência não é uma prática recente, de modo que na história houve diferentes métodos para “congelar” o presente, seja através de estátuas como as do exército de Terracota, na China, ou simplesmente por meio de fotografias. Essa segunda prática, por sua vez, foi ressignificada com o passar dos anos, sendo que o surgimento de novas tecnologias como a das câmeras digitais difundiu entre diferentes pessoas ao redor do globo o hábito de gravar momentos.

Em maio deste ano foi veiculada em portais de notícia como o *Catraca Livre*⁶, o *Hypeness*⁷ e o *Vírgula*⁸, da Uol, a história de um jovem brasileiro de vinte e cinco anos chamado Joseph Miller, que em outubro de 2014 sofreu um AVC após voltar da faculdade e, depois de três dias desacordado no chão, foi encontrado por um colega e levado para o pronto-socorro, onde ficou dezessete dias em coma.

Quando acordou, Joseph havia perdido cerca de 95% de sua memória, tendo passado o primeiro mês sem pronunciar palavras básicas e conseguir comunicar suas necessidades. O que tornou esta notícia peculiar, contudo, foi um dos métodos utilizados por ele para lidar com a dificuldade de acesso à memória: o uso de sua conta no *Instagram*.

Em entrevista para a ABC News⁹, emissora e portal de notícias norte-americano, o jovem afirmou que quando viu o aplicativo do *Instagram* em seu telefone celular pensou: “ah, sim, eu tenho um *Instagram!*”, e afirmou também que demorou para se lembrar da senha de seu perfil, mas quando conseguiu acessá-lo iniciou um processo de “resgate de sua identidade”.

Esta estratégia adotada por Joseph nos remete ao processo de construção identitária discutido anteriormente por Santaella (2010), Sibilia (2008) e Bauman (2012), uma vez que para os autores, a *internet* e as redes sociais são fundamentais para estruturar a narrativa do “eu” público. As “personalidades alter-dirigidas”, como explica Sibilia, corroboram na criação de identidades que, em maior ou menor grau, correspondem mais a maneira como o eu-narrador deseja ser visto, do que, efetivamente, como o eu-personagem é constituído.

⁶ “Jovem perde memória e usa *Instagram* para recordar lembranças” <<https://queminova.catracalivre.com.br/eficiente/jovem-perde-memoria-e-usa-instagram-para-recordar-lembrancas/>> Acesso em 23/06/15

⁷ “Jovem que perdeu a memória usa o *Instagram* para se lembrar de sua vida” <<http://www.hypeness.com.br/2015/05/jovem-que-perdeu-a-memoria-usa-o-instagram-para-tentar-se-lembrar-de-sua-vida/>> Acesso em 25/06/15

⁸ “Jovem perde a memória e usa *Instagram* para recuperar as lembranças da vida” <<http://virgula.uol.com.br/lifestyle/comportamento/jovem-perde-a-memoria-e-usa-instagram-para-recuperar-as-lembrancas-da-vida/#img=1&galleryId=976184>> Acesso em 23/06/15

⁹ “Nebraska man uses *Instagram* to recall after a stroke” <<http://abcnews.go.com/Lifestyle/nebraska-man-instagram-recall-life-stroke/story?id=30653911>> Acesso em 30/06/15

Sendo assim, o processo de resgate de identidade pelo qual Joseph passou se configura mais como um retorno dessa personalidade, do que a um resgate orgânico de sua memória.

Diante desse caso, um neurologista da Universidade da Califórnia, Steven Cramer, afirmou que “ver fotos antigas ajuda a exercitar o cérebro, principalmente depois de um acidente vascular cerebral, quando o órgão funciona como uma criança sedenta por aprender”¹⁰. Ainda que não seja a pretensão desse artigo abordar essa temática por um viés médico, é interessante notar como esse discurso pode apontar a rede social como uma alternativa viável para que o paciente se “reconecte com sua história”. Tal consideração reforça a ideia de que essas tecnologias, plataformas e recursos comunicacionais possuem, de fato, grande relevância enquanto verdadeiros “acervos da vida”.

O uso do *Instagram* como ferramenta para auxiliar nesse processo de recuperação das memórias, por sua vez, pareceu particularmente eficiente uma vez que a própria rede social, por meio da sua linha do tempo, tem uma proposta em organizar a vida do seu usuário de acordo com as suas postagens, tornando-se assim, um “arquivo digital da nossa existência”. Uma espécie de memória em *stand-by*, que pode ser acessada em qualquer lugar, a qualquer momento, bastando para isso conexão com a *internet*.

Por meio destas práticas de revisitar postagens de antes do acidente, Joseph afirmou que por mais que não se lembrasse na íntegra de uma série de episódios vivenciados no passado, as fotos e as legendas do aplicativo lhe faziam sentir confortado e, assim, feliz. É como se importasse menos o que de fato aconteceu e muito mais a certeza de que fora um episódio digno de registro. Em outro trecho da entrevista, o jovem disse também que se havia registrado, é porque se tratava de um momento que achou importante o suficiente para documentar. Ou seja, um momento suficientemente relevante para ser arquivado, compartilhado e, agora, adotando um raciocínio análogo, revivido.

Nesse momento podemos retomar a discussão iniciada por Debord (1967) e revisitada por Juremir Machado Silva (2007), de que a imagem assumiu um papel de destaque dentro dessa “sociedade do espetáculo” de tal forma que ela passou a ser a “única realidade visível”. Assim, quando Joseph fica “contente” por existirem registros imagéticos de sua vida, ele está diante da eficácia da realidade visível, aquela que foi postada, curtida e comentada no *Instagram*.

¹⁰ “Jovem perde a memória e usa *Instagram* para recuperar as lembranças da vida”
<<http://virgula.uol.com.br/lifestyle/comportamento/jovem-perde-a-memoria-e-usa-instagram-para-recuperar-as-lembrancas-da-vida/#img=1&galleryId=976184>> Acesso em 23/06/15

Esta notícia ilustra uma possível busca por movimentos de contemplação da própria vida, de modo que seu registro, atualmente potencializado pela mecânica das redes sociais, distanciam os acontecimentos da indiferença e mostram, tanto para autor quanto para seus “amigos virtuais”, a significância da existência do sujeito em questão.

Os usuários da *web* podem, de maneira geral, revisitar o conteúdo que um dia postaram, assumindo neste novo momento a posição de espectadores. Tal como abordamos anteriormente, dentro de um contexto de cibercultura, na qual a comunicação se dá de forma multidirecional, não linear e reversiva, as figuras do “eu” narrador, personagem e espectador (SIBÍLIA, 2008) podem ser constantemente reconfiguradas e redefinidas. Mas, o que chama atenção no caso de Joseph é que apesar de haver um deslocamento de um eixo de autor para o de espectador, é como se a perda de sua memória o houvesse desvinculado por completo do lugar de narrador de sua própria vida, destituindo-o de uma posição de autor.

Esta quebra de relação entre o que foi postado e o “eu” do presente que não se reconhece no conteúdo parece algo bastante assustador para o sujeito contemporâneo, se levarmos em conta que vivemos em uma era em que são inúmeras as possibilidades de identidade que podemos assumir, de modo que a opção que parece fora de cogitação é não assumir nenhuma delas. Afinal, isso pode significar “não ser ninguém”.

Assim, se um dia Joseph postou informações sobre si próprio para contar aos outros sua história, agora precisa acessar estes arquivos para se lembrar de “quem contou que era”. Essa retomada é, sem dúvida, fundamental, visto que não se pode ser alguém no presente sem um passado. A vida, enquanto narrativa contínua, parece exigir uma espécie de sentimento de continuidade.

Em uma de suas entrevistas, chama a atenção, também, o momento em que afirma ainda não se recordar direito de sua infância. É interessante notar que esta fase constitui um período em que ele provavelmente não tinha acesso à *web* e, portanto, não documentava sua vida. Logo, parece que a ausência de registros digitais dificulta o processo de recuperação desse tipo de memória, ou seja, por não haver dados sobre este período no ciberespaço nem tampouco relatos produzidos por ele em primeira pessoa, é como se esta época acabasse por se tornar um vazio nestes primeiros meses de recuperação.

Nesse sentido, podemos dizer, que a história vida de Joseph assumiu uma dependência e interconexão particularmente interessante com a história de vida do *Instagram*.

Considerações Finais

Neste artigo, nos propomos a analisar uma notícia com grande repercussão na mídia sobre um jovem brasileiro que perdeu sua memória e usou as postagens que havia feito no *Instagram* para tentar se recordar de seu passado. Para isso, abordamos conceitos de estudos referentes à cibercultura, como o de personalidades intro e alterdirigidas, *Web 2.0* e redes sociais da *internet*, além de temas como administração de lembranças e a maneira como a captura de registros da vida se dá atualmente.

A fim de entendermos um pouco mais sobre o processo de construção identitária dos sujeitos na contemporaneidade e a importância que estes dão às práticas de documentação de vida nas redes sociais, vimos como a fotografia, agora difundida devido aos avanços tecnológicos, tornou-se uma peça chave das narrativas digitais.

Neste novo cenário, onde a princípio não há limitações no que diz respeito à quantidade de conteúdo que pode ser disponibilizado na *internet*, é possível tanto produzir registros e compartilhá-los de forma ininterrupta, como também editá-los, recortá-los e “deletá-los”. Com isso, a prática de narrar os acontecimentos vividos torna-se um verdadeiro *storytelling*, a partir do qual a memória (digital) parece transformar-se em algo mais maleável.

A tentativa de Joseph de recuperar sua memória por meio do uso do *Instagram* mostra-se particularmente curiosa dentro desse contexto. Isso porque, ao longo de seu tratamento as postagens que foram utilizadas eram, na realidade, essa memória digital editada a qual nos referimos. Assim, a relação que este jovem passou a estabelecer com o seu passado foi mediada pelas narrativas que construiu a seu respeito.

Em certa medida poderíamos dizer que a partir desse tratamento Joseph não apenas teve a possibilidade de revisitar materiais que dão espessura a narrativa de sua vida, como também reafirmar sua própria existência. Afinal, uma vida sem registros parece uma vida desconhecida e, conseqüentemente, inexpressiva, principalmente se tormarmos como base o imperativo de visibilidade a qual estamos todos imersos na atualidade. Assim sendo, é como se o *timeline* do *Instagram* de Joseph fosse a confirmação de que seu passado não era uma “lacuna”, um vazio de sentido ou uma inexistencia.

Nesse artigo buscamos refletir sobre alguns aspectos desse caso, evitando um olhar médico, das neurociências ou áreas correlatas. De fato, elegemos a notícia de Joseph por

exemplificar como as redes sociais parecem estar mudando a maneira como nos constituímos enquanto sujeitos, nos relacionamos com os outros e, principalmente, como registramos e contamos nossa história.

Por fim, os assuntos abordados neste artigo propõem uma reflexão preliminar sobre como a produção de subjetividade se dá no cenário midiático contemporâneo, considerando que estamos em uma era digital, em que a presença de aparelhos eletrônicos que permitem interações dos mais diversos âmbitos está cada vez mais “naturalizada” em nossas vidas. Tudo isso, sem dúvida, constitui um terreno propício para quem pesquisa e deseja entender mais acerca de como as relações dos sujeitos e suas memórias estão assumindo novas facetas na atualidade.

REFERÊNCIAS

BOYD, d. m., e ELISSON, N. B. **Social network sites: Definition, history and scholarship**, *Journal of Computer - Mediated Communication*, artigo 11, 2007.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1967.

FREIRE FILHO, João. Guy Debord: **Antes e Depois do Espetáculo**. In: GUTFREIND, Cristinane; DA SILVA, Juremir Machado. 1a ed. Porto Alegre: ediPUCRS, 2007.

LEMOS, André. **Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2008.

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação. Conectividade, mobilidade e ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

SIBILIA, Paula: **Show do Eu**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula e DIOGO, Ligia: **Vitrines da intimidade na internet: imagens para guardar ou para mostrar?** UFF – Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro, 2011.

SIBILIA, Paula: **Drogas do esquecimento e implantes cerebrais: a informatização da memória**. *Dossiê Infopolítica da revista Ciência e Cultura*, coordenado por Laymert Garcia dos Santos; Ano 60, Número 1, Jan.-Fev. 2008. Campinas: Labjor/Unicamp e SBPC; p. 35-38. 2008